

IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, NA FAMÍLIA DOS PEQUENOS PROPRIETÁRIOS RURAIS: CONSOLIDAÇÃO DA EMPRESA AGRÍCOLA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM ITAPACI-GO

Valterlan Teixeira Araújo*

Resumo: Essa comunicação tem por objetivo discutir os impactos culturais em famílias de agricultores no Estado de Goiás inerentes à crescente introdução da empresa agrícola da cana-de-açúcar. A indústria da cana no Brasil, historicamente preconiza a centralização de terras e capital. Apresenta, também, uma tendência de verticalização tecnológica poupadora e excludente de força-de-trabalho humano. A produção familiar, por sua vez, tem desempenhado um papel fundamental na oferta de produtos que compõem a cesta básica das populações de baixa renda, contribuindo na pauta de exportações de origem agrícola, a qual otimiza e diversifica os recursos humanos e ambientais. Nesse contexto, *a priori*, pensa-se que o cultivo da cana-de-açúcar, nessa região, induzirá uma rápida desarticulação na produção dessas famílias, não dando tempo para que políticas públicas ou privadas possam absorver os contingentes de mão-de-obra que ficará ociosa e, conseqüentemente, migrará para as periferias das cidades. Nesse contexto, por meio de entrevista *in locu*, será constituída históricos de vida de famílias camponesas previamente selecionadas através de amostra estratificada, buscando verificar no imaginário dessas pessoas os sedimentos e valores da cultura nativa e as transformações em curso. Nesse sentido, com esta pesquisa, pretende-se agregar novos olhares sobre essa questão, transformando-os em aprendizado.

Palavras-chave: Cultura. Exclusão. Indústria sucroalcooleira.

Social economics impacts in families of small rural enterprises of sugarcane in the state of Goiás

Abstract: This communication has as objective to discuss the cultural impacts in families of agriculturists in the state of Goiás inherent to the increasing introduction of the agricultural enterprise of the sugar cane. The cane industry in Brazil, historically preconizes the centralization of lands and capital. Presents, also a tendency of technologic verticalization economizing and excluding the human labor. The familiar production, by its time, has been playing the part of the offering of products that compose the basic chest of the low-revenue, contributing in the stave of exportation of agricultural origin, which optimizes and diversifies the human and ambiental sources. In this context, *a priori*, thinks that the cultivation of sugar cane, in this region, will induce a fast desarticulization of the production of these families, don't giving time for public or private politics to be able to absorb the contingent of human labor that will be idle, and consequently, will migrate to the city peripheries. In this context, through an *in locu* interview, will be constituted rural family historics of life previously selected through

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-GO.

the stratified sample, searching to verify in the imaginary of these people the sediments and values of the native culture and the transformations in course. In this sense, with this search, intends to join new looks about this questions, transforming into learning.

Keywords: Culture. Exclusion. Sucroalcooleira industry.

DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO NO BRASIL

O setor sucroalcooleiro fatura, direta e indiretamente, cerca de R\$ 40 bilhões por ano, o que corresponde a aproximadamente 2,35% do PIB nacional. Segundo o Dieese (fev. 2003) é, também, um dos setores que mais emprega no país, com mais de 3,6 milhões de empregos diretos e indiretos, e reúne mais de 72.000 agricultores. O Brasil vem se destacando como sendo o maior produtor mundial de cana e de açúcar e o com isso o principal país do mundo a implantar, em larga escala, um combustível renovável alternativo ao petróleo. A expansão desse mercado tem estimulado o aumento dos investimentos no setor em todo o país. Esse setor possui grande importância econômica, social e ambiental, sendo grande gerador de ocupação no meio rural, com geração de divisas e produção de energia renovável e limpa.

No período de 2000/2005 as exportações brasileiras cresceram de 258 milhões de litros de álcool para 2,4 bilhões, e as receitas, de 33 milhões de dólares para quase meio bilhão. Na safra 2005/2006, a moagem foi de 431,4 milhões de toneladas de cana, que resultou na produção de 26,7 milhões de toneladas de açúcar e 17 bilhões de litros de álcool. Em 2006, o parque sucroalcooleiro nacional possuía 320 indústrias em atividade, sendo 227 na região Centro-Sul e 94 na região Norte-Nordeste, que impulsionavam a atividade econômica de mais de 1.000 municípios brasileiros.

Havia, ainda, no país, perto de 30 projetos em fase de implantação. O potencial desse mercado é grande, uma vez que 50 mil empresas brasileiras sofrem o impacto do elevado volume de capital destinado a investimentos, compra de equipamentos/insumos e contratação de serviços por parte das usinas de açúcar e álcool, o que ultrapassa R\$ 4 bilhões/ano. Outro indicador da importância social do agronegócio sucroalcooleiro é a geração de impostos, que a cada ano recolhe mais de R\$ 12 bilhões aos cofres públicos. (DIEESE, fev. 2003).

Estima-se, ainda, um avanço mais expressivo do mercado dos carros bicomcombustíveis. Acredita-se, que suas vendas podem vir a corresponder a 80% do total, o que exigirá um acréscimo na produção, até 2010, de 7 bilhões de litros de álcool (anexo 02). No mercado externo, há perspectivas de que as exportações de álcool dobrem para 5 bilhões de litros em cinco anos.

Para atender à crescente demanda externa, os canaviais começam a avançar sobre outras culturas, o que tem provocado algumas discussões que

demonstram a preocupação desse crescimento, que o mesmo esteja ocorrendo sem um estudo direcionado, ocasionando segundo alguns pesquisadores em uma crise de alimentos, embora outros estudos tem demonstrado que esta é uma previsão remota. Em quem acreditaremos? A previsão é que a área de cana plantada aumente 50%, até 2015 (ver tab. 01). O impacto na cadeia de produção - da compra de máquinas, passando pela colheita, até os embarques no porto – será de grandes proporções.

Mundialmente, o álcool é reconhecido pelas suas vantagens ambientais, sociais e econômicas e vem despertando o interesse de países desenvolvidos na tecnologia desse combustível. No entanto, apesar de todas essas estatísticas apontarem para um grande negócio, com rentabilidade garantida, o que de certa forma alimenta a essência do capitalismo, ainda se encontram estudos como do pesquisador Vito Comar (2007) que levantam alguns questionamentos sobre a acelerada expansão do setor.

Comar prevê um quadro sombrio para o Mato Grosso do Sul quando as usinas de álcool e açúcar, que estão sendo construídas, estiverem produzindo com capacidade total. O pesquisador alerta “Estão vendendo a ilusão que a monocultura da cana vai gerar emprego, divisas e desenvolvimento, mas a experiência do passado comprova que não é bem assim”. Para ele, é preciso avaliar a relação custo-benefício antes de aprovar a instalação de uma usina. “[...] a procura dos países desenvolvidos pelo etanol nada mais é que a exploração das nações ricas sobre as pobres ou em desenvolvimento” (2007 p.2). Os preços desses produtos são definidos sempre nas bolsas da Europa e dos Estados Unidos, de forma que países como o Brasil permaneçam sempre como produtor de matéria-prima, enquanto os países desenvolvidos desfrutam dos benefícios e concentram riquezas. Comar questiona quem vai lucrar com a produção do etanol e não concorda com a classificação de combustível limpo que estão dando ao etanol, pois na origem, o álcool anidro não tem nada de limpo, pelo contrário, o que se vê são cidades poluídas pela fuligem, com temperaturas elevadíssimas e baixa umidade do ar.

“A Organização Mundial da Saúde preconiza como aceitável quando o volume de partículas orgânicas em suspensão está em 50 microgramas por metro cúbico e, apenas como comparação, num dia muito poluído o índice em São Paulo chega a 60 microgramas por metro cúbico, enquanto nas cidades que abrigam usinas este volume é elevado para 80 microgramas durante o período de colheita da cana-de-açúcar”, explica. (COMAR, 2007) Disponível em <http://bbcnews.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

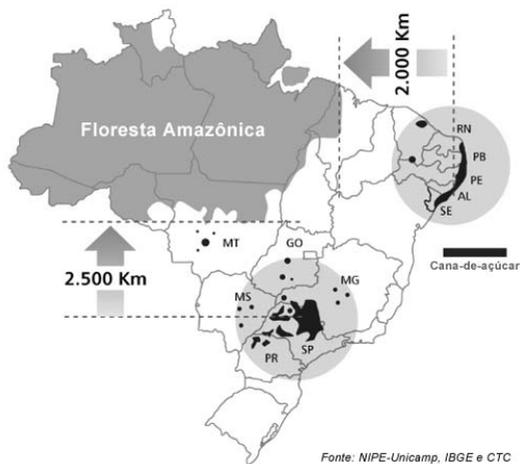
O etanol pode ser considerado energia renovável e menos poluidora que os derivados de petróleo apenas quando chega aos países desenvolvidos, mas na origem, onde é produzido, ele deixa um rastro de poluição tão grave quanto o gerado pelos combustíveis fósseis

Nesse contexto, a globalização da economia, fenômeno que rompe fronteiras e define uma nova ordem para a gestão dos negócios em todos os segmentos, impõe ao agronegócio brasileiro (setor sucroalcooleiro) uma nova e completa visão de suas práticas e conceitos. Não se pode mais entender a fazenda apenas como um modelo fornecedor de matéria-prima desconectada dos outros momentos de transformação da sociedade pós-moderna, tornando-se imperativo adquirir uma visão sistêmica de produção e comercialização, buscando a eficácia de forma a favorecer a relação custo/benefício.

O agronegócio, setor sucroalcooleiro, passa a ser encarado como um sistema de elos, abrangendo itens como: pesquisa, insumos, tecnologia de produção, transporte, processamento, distribuição e preço. Com esse modelo, o gerente é o mercado e o dono é o consumidor, logo lidar de forma profissional com esta entidade chamada mercado é uma necessidade fundamental colocada para todos os elos das cadeias produtivas do agronegócio, sobretudo para aquele inserido “dentro da porteira”.

Desse modo, percebe-se que é preciso melhorar alguns aspectos de suma importância como é o caso das condições de trabalho, remuneração e de qualidade de vida dos trabalhadores da cana que são ainda muito precárias em comparação com as demais categorias de assalariados do país, uma vez que o grande proprietário está sempre preocupado com a sua rentabilidade, com isso submetendo o trabalhador a duras jornadas de trabalho. O cenário que ora se apresenta e as perspectivas futuras do setor indicam que este é um momento oportuno para se pactuar uma reversão no quadro das relações de trabalho do setor no país. A produção de cana-de-açúcar se concentra nas regiões Centro-Sul e Nordeste do Brasil.

O SETOR SUCRO ALCOOLEIRO NO BRASIL – MAPA DA PRODUÇÃO



O mapa acima mostra em vermelho as áreas onde se concentram as plantações e usinas produtoras de açúcar, etanol e bioeletricidade, segundo dados oficiais do IBGE, UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas – SP) e do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira).

Tabela 1

Estimativa de crescimento para um cenário de crescimento de 5%

Previsão de exportações de açúcar e de álcool para os próximos 10 anos	
ANOS	TOTAL EXPORTADO
Exportações de açúcar (em milhões de toneladas).	
2005	16,0
2010	18,1
2015	20,5
Exportações de álcool (em milhões de litros).	
2005	2,7
2010	4,3
2015	6,9

Fonte: MB Associados Elaboração: DIEESE-GO.

As usinas têm investido em programas de especialização, treinamento e recolocação da mão-de-obra contratada. Segundo José Pessoa de Queiroz Bisneto, presidente de um dos maiores grupos sucroalcooleiros do país, em entrevista ao valor online (18/04/07), “o aquecimento do setor começa a criar transtornos na hora de contratar um profissional capacitado”. Para não sofrer esse problema, o programa de expansão dos negócios do grupo anda junto com o de formação de pessoal.

De 2000 para cá, o setor tem crescido muito e à medida que os negócios do setor sucroalcooleiros avançam e multiplicam o seu faturamento, o setor enfrenta novos desafios: o banco mundial responsabilizou o governo brasileiro por subsidiar o setor, algumas ong’s ambientalistas tem manifestado oposição a novos projetos de construção de usinas.

A ação ambientalista, também deve se intensificar no cerrado, para onde a cana está migrando com grande potencial tecnológico. Atualmente o Estado de Goiás está sendo alvo desses investimentos, o sistema sucroalcooleiro vem apresentando um processo de notável expansão no estado nos últimos anos, com um destaque especial ao ano de 2005, quando de menos de 20 usinas salta para 34 em 2006 e atualmente para 74 confirmadas, além de mais 36 em cadastro ou análise, somando uma centena. (SEPLAM, 2006)

A EVOLUÇÃO DA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL

Desde seu início, a economia de cana-de-açúcar em todo o tempo concentrou seus esforços e objetivos tendo em vista a exportação dos produtos extraídos dessa riqueza. Os processos canavieiros agrícolas, industrial e comercial submeteram-se em cada época histórica¹ a diversos sistemas de produção, revelando para o estudo da economia política as inter-relações e as influências dos diversos interesses econômicos que visavam dar racionalidade aos processos produtivos, para organizar minimamente o Estado no cumprimento de suas funções de planejamento da exploração das riquezas territoriais.

Para Celso Furtado, não existiria em caráter efetivo outro fenômeno socioeconômico no país que melhor evidencie a formação de nossa identidade territorial, que a produção açucareira, por ter sido esta a grande motivadora dos portugueses para a colonização das terras por eles descobertas em função das grandes navegações. Diversas políticas estatais canavieiras

¹ O engenho colonial talvez seja o tipo de organização com característica produtiva de maior hibridismo já surgido no Brasil, representando a junção de sistemas econômicos totalmente diferenciados, possuindo ao mesmo tempo uma estrutura feudal caracterizada pela forma de propriedade da terra e um sistema de administração que desde o início também era fundamentalmente capitalista.

foram sistematicamente se constituindo no Brasil, estabelecendo-se desde o engenho colonial até a época das usinas sucroalcooleiras modernas. Um estudo na intenção de tentar compreender a lógica da exploração pelo homem de um território em que o cultivo da cana e a fabricação do açúcar e mais recentemente a produção de álcool, constituíram-se em um fenômeno integrador da cultura e formador de nacionalidade política.

Historicamente a cultura canavieira tem se manifestado, no Brasil, como um elemento de integração social/nacional, destacando-se como um setor da economia que fez parte de todos os nossos períodos históricos, que só perdeu em importância, talvez, para o café. De acordo com Guimarães, (1968, p.44/5).

Caberia ao açúcar excepcionalmente importante. O seu modo de produção permitiria a Portugal materializar, numa admirável síntese, a solução dos seus problemas fundamentais. Viria o açúcar possibilitar a ocupação da terra em moldes inteiramente ao gosto feudal da época. A certeza de grandes lucros bastaria para atrair a classe dos mercadores, cujos representantes seriam intermediários e banqueiros dos nobres na empresa do açúcar. O afluxo dos metais preciosos aumentava. Expandiam-se o comércio e os mercados, os preços continuavam a elevar-se e o consumo de todos os artigos, inclusive do açúcar, aumentavam progressivamente. Os navegadores portugueses viriam, igualmente, colher benefícios com a produção do produto milagroso, que chegou a ser o gênero predominante no comércio internacional.

No século XIX, tem-se o surgimento da economia política de base antropológica com a preocupação e ou atenção voltada aos estudos/análises da interdependência entre os elementos materiais e não-materiais, estes com bases socialmente integradas no desenvolvimento econômico. Com a justaposição entre a história e a sociologia, estas passam a fazer parte da teoria econômica, ao ponto de poder explicar como o desenvolvimento na dinâmica da sociedade é referência ou referenciadas nas fórmulas políticas, estando diante de uma dupla ocorrência, o acelerar e o retardar do progresso cada vez mais evidente nas transformações sociais.

As transformações inerentes ao processo tecnológico introduzidas na cadeia produtiva da economia açucareira estão entre aquelas que provocam reações em cadeia, ou seja, um movimento permanente que acaba por condicionar todo o processo de mudança social. Contudo as transformações culturais que estão inseridas dentro do sistema de valores sociais se estabelecem de maneira muito mais lenta que as transformações no sistema de produção. A acelerada absorção das inovações tecnológicas produzirá neste caso relevantes tensões sociais, de maneira que em alguns períodos históricos observamos o desenvolvimento de forças produtivas se transformando, ao ponto de conduzir a revolução social. O que nos parece no mínimo curioso uma vez que as inovações das características tecnológicas estão

diretamente interligadas ao próprio desenvolvimento econômico.

Com efeito, percebemos que a introdução de novidades de cunho tecnológico, com referência ao setor sucroalcooleiro vem provocando de maneira considerável a riqueza nacional, criando excedentes que a coletividade tem utilizado de forma a aumentar a sua capacidade produtiva. Por outro lado percebemos que a interferência do sistema capitalista em suas formas mais primitivas, acaba por criar meios de suprimir a riqueza da coletividade, assim estimulando a concentração dos meios de produção a favor de estratos sociais dirigentes.

Façamos uma observação às economias de países subdesenvolvidos uma vez que estes são vitimados, pois o fluxo de mudanças vindas da assimilação de novas tecnologias possui particularidades distintas do modelo empregado pelo desenvolvimento do capitalismo pleno e moderno. Ao analisarmos o “boom” da economia sucroalcooleira no Brasil, sentimos a necessidade de entendermos os complexos princípios da economia política, onde as técnicas de produção surgem como um caminho para o aumento da produção. Referenciando o mercado sucroalcooleiro, percebemos que as inovações no campo tecnológico puseram em evidência uma série de reações que passaram a reproduzir-se, causando um considerável aumento na produtividade do sistema em um efeito dominó: aumento da produtividade média, disponibilidade de bens e serviços, impulso ao desenvolvimento científico e avanço tecnológico.

Em uma análise estruturalista das ciências políticas, percebemos que por mais que procuramos avançar na intenção de se construir modelos interpretativos, sempre estaremos expostos à construção de hipóteses intuitivas, ou seja, de acordo com a ideologia de Marx, estariam entrepostos: processo produtivo, valores ideológicos e políticos. Esta interpretação irá subsidiar diversos estudos de análises estruturalistas com características econômicas e políticas com o propósito de buscar o entendimento ou explicação para a apropriação do território brasileiro, como exemplo: a formação das políticas açucareiras no Brasil como sendo um mecanismo de orientação prática para a ocupação do território pelo cultivo da cana.

Fazendo uma análise história da produção da cana-de-açúcar no Brasil, percebemos que essa produção esteve, no passado, associada a duas imagens que compõem a cultura brasileira e se relacionam aos ciclos da cana no país, derivadas de personagens que constituem a formação econômica brasileira. Em uma primeira observação, na época das capitânicas hereditárias, temos presente a figura do senhor de engenho, que se mantinha no poder político em função da riqueza vinda dos canaviais. Em fase posterior, o que se destacou foi à figura do coronel usineiro, uma imagem que muitas vezes esteve associada à imposição da força através de uma política paternalista.

CRESCIMENTO E MODERNIZAÇÃO ECONÔMICA:
AGROINDÚSTRIA DA CANA EM GOIÁS – PRODUÇÃO
PARA O MERCADO.

Os mais recentes estudos sobre a expansão do setor sucroalcooleiro no Brasil revelam que o Centro-Oeste deve se tornar o grande beneficiário da expansão da produção de álcool no país, pois apresenta clima altamente favorável e vastas áreas que se prestam ao cultivo da cana-de-açúcar. Na região Centro-Oeste, Goiás apresenta melhores condições para liderar todo esse processo, já que detém melhor logística, com acesso rodoviário e ferroviário aos principais portos do país. Com destaque ao porto seco de Anápolis e os recentes investimentos do governo federal na concretização da Ferrovia Norte-Sul.

Tabela 2

Intenção de Investimentos para Goiás. Montante de investimentos e qualidade de projetos por atividades, 2009 – 2012.

Atividade	Montante (R\$ 1.000)	(%)	Projetos
Alcool/Açúcar	19.034.804	62,58	88
Atividade Mineral e beneficiamento	4.127.442	13,57	20
Indústria de Alimentos e Bebidas	1.852.069	6,09	137
Transporte e Logística	1.746.952	5,74	17
Outras Atividades Industriais	738.883	2,43	177
Indústria Metal-Mecânica	610.199	2,01	29
Comércio Atacadista e Varejista	568.013	1,87	126
Biodiesel	499.929	1,64	15
Geração de Energia	395.765	1,30	5
Ind. Higiene, beleza e limpeza	277.744	0,91	25
Indústria Química/Farmacêutica	204.483	0,67	42
Serviços	171.860	0,56	89
Ind. Plásticos/Embalagens	152.000	0,50	35
Ind. de Insumos Agropecuários	29.612	0,10	18
Indústria de Reciclagem	9.213	0,03	8
Total	30.418.967	100,00	831

Fonte: Goiás Fomento/SIC/Seplan-GO/FCO/jornais diversos

Elaboração: Sepin/Seplan-GO

Dados coletados até 25/03/2009.

Os novos estudos revelam ainda que a expansão envolve, também, o Centro Goiano, ao norte. Essa expansão é favorecida pela existência de solos

com maior aptidão para a cultura, (embora não seja uma regra) desenvolvendo-se de maneira espontânea, e relacionada aos principais eixos rodoviários, garantindo a exportação dos produtos, configurando uma espécie de zoneamento induzido.

Em menos de trinta anos desmontou-se indiscriminadamente a cobertura vegetal original de cerrados para a monocultura da soja e atualmente a cana-de-açúcar. A paisagem retorcida das espécies do cerrado deu lugar às formas geométricas homogêneas, comprometendo as nascentes dos rios como o Araguaia, um dos mais importantes rios do território goiano, como se vê nas proximidades do Parque Nacional das Emas, no município de Mineiros, Sudoeste goiano. (ARRAIS, 2006. p-20.)

Nessas áreas, o potencial de impactos ambientais merece estudos detalhados, sobretudo quando se considera que, dada a sazonalidade de chuvas e temperaturas, os riscos agroclimáticos indicam aumento de pressão sobre os recursos hídricos com o fim de irrigação. Ainda quanto aos impactos ambientais, também, nos deparamos com uma nova modalidade, “o consórcio entre fazendeiros”, ou seja, os pecuaristas tradicionais arrendaram suas terras principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, e compram novas terras com o propósito de “reservas”. Dessa forma, tem-se uma inversão nos princípios dessa proposta, ou seja, as áreas que a princípio seriam destinadas às reservas acabam se tornando no futuro alvo de desmatamento.

Tabela 3
 Distribuição das Usinas por Mesorregião, Microrregião e Categoria do Licenciamento Ambiental.

Mesorregião	Microrregião	Em operação	Em implantação	Em Análise	Em Cadastro	Não definido	Total
Centro Goiano	Anápolis	2	0	0	1	1	4
	Anicuns	1	1	0	1	0	3
	Ceres	6	2	2	2	0	12
	Goiânia	0	1	0	0	1	2
	Subtotal	9	4	2	4	2	21
Leste Goiano	Entorno DF	0	1	1	0	0	2
	Subtotal	0	1	1	0	0	2
Noroeste Goiano	Rio Vermelho	0	0	1	0	0	1
	São Miguel do Araguaia	0	1	0	0	0	1
	Subtotal	0	1	1	0	0	2
Norte Goiano	Porangatu	0	0	1	0	0	1
	Subtotal	0	0	1	0	0	1
Sul Goiano	Catalão	1	0	1	0	0	2
	Meia Ponte	5	7	5	4	3	24
	Pires do Rio	0	0	0	1	1	2
	Quirinópolis	1	3	1	1	1	7
	Sudoeste de Goiás	5	3	3	6	4	21
	Vale do Rio dos Bois	4	4	1	5	4	18
	Subtotal	16	17	11	17	13	100

Fontes: MP,2007; AGMA, 2006; SEFAZ, 2006 e SEPLAN,2006.

O acelerado processo da expansão sucroalcooleira, com a instalação das Usinas a monocultura da cana transforma fazendas improdutivas em produtivas rapidamente, do dia para a noite. Os latifundiários alugam as terras que anteriormente eram objeto de desejo dos sem-terra e os transformam em bóias-frias, principalmente os filhos dos trabalhadores rurais.

Há uma pressão objetiva para os assentados arrendarem as suas parcelas ou abandonar sua atividade de trabalho na terra para irem trabalhar no corte da cana, pois acaba reduzindo para esses trabalhadores o campo de

atuação, não restando outra opção a não ser a mão-de-obra no corte da cana.

Desse modo, diminui a produção de leite, a produção de alimentos para sua auto sustentação e para comercialização, impactando diretamente a agricultura familiar. A tendência é que seja reduzida a área plantada de alimentos, com a diminuição da produção de grãos e aumento dos custos para os consumidores urbanos.

No âmbito do capitalismo mundializado, em que as transformações ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado, muitos dos mecanismos e ferramentas construídas com o propósito de interpretar a realidade tornam-se incapazes e ou obsoletas, impondo uma permanente necessidade de (re) pensar e (re) construir toda uma estrutura teórico-metodológico que possa dar conta dessa dinâmica.

Parece-nos que uma das chaves e compreensão da situação atual das perspectivas historiográficas é o estudo da memória e da identidade. Claro está que esse estudo não mais poderá recorrer à memória como um ato apenas de busca de informação do passado, tendo em vista a reconstituição deste. Mas, deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração. Além disso, a noção de identidade precisa ser antropológica com o objetivo de ampliar seus aspectos de possibilidades, saindo-se assim da conceituação de identidade como sendo meramente ideológica. (DIEHL, 2002, p.112).

Dessa maneira, é a forma de inserção crítica e reflexão sobre os fatos que nos envolvem como pesquisadores e sujeitos sociais que movem a pesquisa, como forma de evidenciar a lógica de processos que tomam vida à frente de ações combinadas, caracterizadas por sujeitos concretos.

Ao analisar a expansão do setor sucroalcooleiro em Goiás, percebe-se o quanto é evidente a apropriação do espaço pelo capital, mostrando que a extração do excedente social está embasada em mecanismos criados com o propósito de apropriação do território, fundamentados no privilégio da concentração da propriedade privada da terra, esta como instrumento de acumulação em de duas frentes: A) o cerceamento ao seu acesso atuando com o intuito de desestruturar a relação oferta-procura, causando uma valorização que a torna (terra) inacessível à maioria dos trabalhadores, inclusive aqueles envolvidos em atividades agrícolas; B) divisão da terra de forma desigual confere aos proprietários um grande poder, desobrigando-os de observar o cumprimento da função social.

Em resumo, percebe-se que a expansão desse setor, frente às regiões de pequenos produtores em Goiás, poderá provocar um desequilíbrio na cadeia da produção familiar, uma vez que as frentes de arrendamento provocam a desestruturação desses pequenos produtores.

Tal processo acaba por provocar uma migração do campo para a cidade. Embora não existindo grandes distâncias, esta última evidencia-se como formadora de novas identidades/sensibilidades culturais, que tratare-

mos mais adiante ao analisarmos a nova vida do homem no campo, e dos pequenos agricultores que após arrendarem suas terras sofrem profundas transformações nos seus valores tradicionais.

Por outro lado, se do ponto de vista comercial as tendências/perspectivas são boas, o setor ainda apresenta péssimas condições de trabalho e baixos salários. A situação imposta pela maioria dos empregadores do setor em Goiás e em todo o Brasil mostra que parte desta margem de rentabilidade das empresas deve-se ao trabalho estafante dos canavieiros, como revelam os exigentes critérios de produtividade, passando de seis toneladas diárias na década de 1980, para dez toneladas/dia, atualmente.

Tabela 4

De acordo com a Convenção Coletiva do Setor Canavieiro 2009 – CCSC, as referências de valor e de cálculos para preços no segmento ficou assim estabelecida para o ano de 2009:

Metros de cana em 5 (cinco) linhas que equivalem a 1 (um) hectare de terra		
1,20 x 5 = 6,00 10.000 : 6,00 = 1,66666		
1,30 x 5 = 6,50 10.000 : 6,50 = 1,53846		
1,40 x 5 = 7,00 10.000 : 7,00 = 1,42857		
1,50 x 5 = 7,50 10.000 : 7,50 = 1,33333		
Cálculo de toneladas de cana por hectare		
Fórmula		
Peso líquido x ha : n° de metros da carga = x, ou seja, exemplo:		
13.500 Kg x 1,42857 : 250mt = 77,14 t. ha		
12.749 Kg x 1,42857 : 218mt = 83,55 t. ha		
Metros de cana em 5 (cinco) linhas que equivalem a uma tonelada		
Tonelagem	Média por tonelada	Número metro por tonelada no Estado.
110 – 129	119,5	11,92+
100 – 109	104,5	13,67+
99 – 99	94,5	15,12
70 – 89	79,5	17,97
50 – 69	59,5	24,00
Até 49	40,0	35,71

Na luta por uma representatividade, os canavieiros formam uma categoria que apresenta grande dificuldade de organização, o que acaba por comprometer a criação de uma identidade cultural² e relações políticas, pois os canavieiros, a cada safra, trabalham em Usinas diferentes. Os acordos com grupos pertencentes à ideologia dominante teriam, como consequências, a certeza de que existe, no Brasil, a manutenção da ordem, ou seja, do não-

conflito, do não-diálogo, da aceitação da exclusão social e desinteresse pelas questões de ordem econômica, política e social, especialmente por parte das camadas sociais mais pobres.

Apesar dos grandes avanços tecnológicos, e consequentes ganhos de produtividade, o trabalho ainda é muito penoso e há grande descumprimento da legislação. Mesmo com a melhoria no transporte dos trabalhadores do setor canavieiro, com a substituição de caminhões por ônibus, ainda há muita precariedade, pois muitos dos ônibus estão em péssimo estado de conservação, fato que pode ser visivelmente comprovado em visitas a algumas regiões exploradas pelo setor sucroalcooleiro no Estado de Goiás.

Há também pouca atenção à saúde do trabalhador, em especial aos cuidados na aplicação de agrotóxicos, fator que ainda requer muita mobilização por parte dos sindicatos para melhorar a legislação, conforme verificado, recentemente, em estudo realizado pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD).

Dentro de um contexto de sacrifício corporal, o setor da colheita de cana-de-açúcar apresenta problemas relacionados a fatores que afetam a segurança e a saúde dos trabalhadores, sejam: ambientais, fisiológicos e relacionados à organização. Além dos aspectos relacionados à saúde e condições de trabalho, o processo de produção da cana vem sendo objeto de estudos nos aspectos sociais decorrentes da migração, alojamentos precários, e outros que associam este processo a importantes impactos ambientais como degradação do solo, poluição do ar na queima da palha (Cançado *apud* LAAT e VILELA, 2007). Disponível em [http://www.efdeportes.com/Revista Digital – Buenos Aires – Ano 12 – N.111 – Agosto de 2007](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Ano%2012%20-%20N.111%20-%20Agosto%20de%202007).

Esta é uma realidade que tem levado os trabalhadores da cana à exaustão, que veem no ganho de produtividade uma melhor oportunidade de garantir condições mínimas de sobrevivência. Por isso, ações mais ofensivas no sentido de registrar, verificar tecnicamente e punir as situações de desrespeito às condições dignas de trabalho devem ser tomadas pelos órgãos competentes e entidades representativas dos trabalhadores.

ALTERAÇÕES NAS PROPRIEDADES RURAIS

A política de expansão das relações de produção capitalista na região do Centro-Oeste brasileiro tem seu início a partir dos anos de 1970 com a introdução da modernização conservadora da agricultura, conforme Muller (1989), que estabeleceu uma (re) organização nas relações trabalho/produção. Para esse autor, esse processo foi conservador porque não alterou a estrutura agrícola em prol de uma reforma agrária de base. Apenas manteve a cultura da centralização da terra e a prática da monocultura.

Essas novas técnicas incorporadas ao processo produtivo têm surgido com mais frequência nas últimas décadas. A introdução dessas novas técnicas, no espaço rural, com ênfase nas regiões do cerrado, tem apresentado alterações nas relações produtivas e social, impostas pelo arquétipo modernizante, fator observado ao estudar os efeitos da sua implantação no espaço rural de Itapaci – GO, da empresa agrícola da cana-de-açúcar.

A revolução que a globalização do capitalismo está provocando no mundo agrário transfigura o modo de vida no campo, em suas formas de organização do trabalho e produção, em seus padrões e ideias socioculturais, em seus significados políticos. (IANNI. 2007, p. 42)

Os espaços/áreas do cerrado inseridos a essa agricultura moderna vêm passando por mudanças significativas em suas formas de organização produtiva, social e ambiental. No caso de Itapaci, o setor produtivo tem adotado novas culturas e métodos de produção incorporados pela implantação das novas tecnologias da cadeia produtiva do álcool. Quanto às interferências nas relações sociais, o aspecto mais relevante tem sido a exclusão de muitos produtores rurais do processo produtivo; no setor ambiental os impactos vão desde a destruição da fauna e flora à redução nos recursos hídricos.

A implantação da Usina nessa região provocou a substituição/regressão/extinção de segmentos históricos da economia local, como é o caso da produção da pecuária leiteira, conforme tabela abaixo, a qual demonstra o desenvolvimento da produção de leite em Goiás entre os anos de 2001 a 2003. Segundo dados da tabela, a evolução da produção leiteira em Goiás de 2001 a 2003, apresenta uma taxa de crescimento negativo em algumas das microrregiões do Estado, como é o caso de Ceres, Goiânia, Vale do Rio dos Bois e Pires do Rio, com taxas de: -3.8%, -1.4%, -7.3% e -3.2% respectivamente.

Esses acontecimentos afetaram diretamente a economia local e contribuíram para a exclusão dos pequenos produtores rurais, favorecendo o processo de alteração de produtores de leite para arrendatários.

Tabela 5
Desenvolvimento da produção de leite no Estado de Goiás entre os anos de 2001 a 2003.

	Produção – mil litros			Evolução 2001/2003
Microrregião	2001	2002	2003	
Sudoeste	267.831	296.913	297.384	11.03%
Ceres	218.580	236.645	210.209	-3.83%
Quirinópolis	122.979	142.483	180.254	46.57%
Porangatu	154.648	176.654	179.973	16.38%
Anápolis	174.934	174.500	176.495	0.89%
Entorno de Brasília	147.391	160.813	164.815	11.82%
Goiânia	143.580	146.154	141.610	-1.37%
Catalão	118.959	133.834	131.256	10.34%
Vale do Rio dos Bois	131.832	132.688	122.218	-7,29%
Pires do Rio	103.701	97.936	100.394	-3,19%
Anicuns	94.732	97.606	98.655	4,14%
Rio Vermelho	87.048	94.353	97.490	12,00%
Aragarças	66.590	68.100	72.200	8,42%
São Miguel do Araguaia	44.216	69.351	70.812	60,15%
Iporá	66.168	67.718	68.103	2,92%
Vão do Paranã	37.571	38.294	38.641	2,85%
Chapada dos Veadeiros	11.921	13.595	12.891	8,14%

Fonte: IBGE, 2003

Esses novos agentes da produção do álcool dão uma nova caracterização em termos de valor às terras. Estas deixam de ser um simples recurso natural na produção tradicional para tornar-se mercadoria escassa no mercado de terras da região. O local da terra passa a ser lócus da reprodução do agronegócio e sede da empresa do complexo agroindustrial da cana-de-açúcar.

As relações de produção são inerentes da empresa capitalista, efetivada no lucro, na compra de trabalho, na exploração de mais-valia segundo os direitos e deveres contratuais de compra e venda de meios de produção e força de trabalho. Esse novo modelo de produção atinge a rotina de vida das pessoas, gerando impactos que vão da desintegração do modo de vida, formação de migrantes e transformações ambientais como a degradação do cerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANFAVEA – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. Disponível em <http://www.anfavea.com.br>. Acessado em 11/07/08.

ARRAIS, Tadeu Alencar. *Geografia contemporânea de Goiás*/ Tadeu Alencar Arrais – Goiânia: ed. Vieira, 2004.

BHABHA, Homi, *O local da cultura*, MG: UFMG, 1999.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004.

CANÇADO apud LAAT; VILELA, 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com/Revista Digital – Buenos Aires – Ano 12 – N.111 – Agosto de 2007>.

CATANI, Afrânio Mendes. *O que é o capitalismo*/ Afrânio M. Catani; com a colaboração de Adilson Marques Gennari. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos. 5 reimp. 34.ed.)

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Disfel, 1988.

COMAR, Vito. *Usinas agravam problema ambiental*. Disponível em <http://bbcnews.com.br/index.php?p=noticias&cat=11&id=125272&nome=Pesquisa%20-%20Leitura>. Campo Grande – MS. 20.12.2007.

DIEESE – Departamento intersindical de estatística e estudos socioeconômicos. Disponível em <http://www.dieese.org.br>. Acesso em 15/07/2008.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*/Astor Antônio Diehl. Bauru, SP: Edusc, 2002.

FATHEUER, Thomas; ARROYO, João Claudio e MACHADO, José Alberto da Costa. *Simpósio Internacional Amazônica: Estratégias de Desenvolvimento Sustentável*. Contact. Belém – PA. 1997.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*/ Josep Fontana; tradução de Luiz Roncari. Bauru – SP: Edusc, 1998.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1961.

GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*/Mércio Pereira Gomes. – São Paulo: Contexto, 2008.

GOIÁS – Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás. (SEFAZ) *Cadastro para a instalação de usinas sucroalcooleiras no Estado de Goiás*. Disponível em <http://www.sefaz.go.gov.br>. Acessado em 12/07/08.

GUILHERME, Alberto P. *Quatro séculos de latifúndio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louros. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HELENE, M. Elisa Marcondes; MARCONDES, Beatriz. *Evolução de biodiversidade: O que nós temos com isso?* coleção ponto de apoio. ed. Scipione, 1996.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*/ Octavio Ianni, 9ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censos Agropecuários de 1970 a 2003*. Rio de Janeiro. Acesso no sítio www.ibge.gov.br em 20/04/2009.

LAAT, Erivelton Fontana de e VILELA, Rodolfo Andrade e Gouveia. *Desgastes Fisiológicos dos cortadores de cana-de-açúcar e a distribuição da ergonomia na saúde do trabalhador*. Disponível em

[http://www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital) – Buenos Aires – Ano 12 – N.111 – Agosto de 2007. Acessado em 10/07/08.

MULLER, G. *Cem Anos de República: notas sobre as transformações estruturais no campo*. São Paulo. IEA, 1989.

REVISTA VALOR ECONÔMICO. Etanol de cana de açúcar: energia para o mundo. São Paulo 18.04.2007.

SCHLESINGER, Sergio. *O grão que cresceu demais – a soja e seus impactos sobre a sociedade e o meio ambiente*. Rio de Janeiro: Fase, 2006. 76p.

ÚNICA – União da agroindústria canavieira do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.unica.com.br>. Acessado em 12/07/08.

Usinas agravam problemas ambientais. Disponível em <http://bbcnews.com.br>. Acesso em 15. Jun. 2008.

VELHO Otávio Guilherme. *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*. 2 ed. Coleção Agricultura e Sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.